

A FORMAÇÃO LITERÁRIA E A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

LITERARY TRAINING AND THE PERSPECTIVE OF EDUCATION IN THE 21st CENTURY

Flavia Vieira da Silva do Amparo¹, Esther Zanelli Miranda¹

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil
v.flavia@globo.com; esther.zmiranda@gmail.com

Recebido em 15 maio 2019

Aceito em 23 jul. 2019

Resumo: Diversos são os estudos e textos que abordam as funções da literatura na formação do homem, tais como Antonio Candido (2004), Tzvetan Todorov (2009) e Harold Bloom (2001). O objetivo deste artigo é convergir algumas das conclusões propostas por esses estudos com propostas no campo da educação para próximo século como as feitas por Edgar Faure (no relatório *Aprender a ser*, 1973) e Jacques Delors (em seu prefácio ao relatório para a UNESCO, 1998); e a pesquisa desenvolvida por Daniel Santos *et ali.* (2017) sobre competências socioemocionais. Os estudos no campo educacional apontam para a importância de uma formação integral de cada pessoa: Faure no âmbito da integração entre os conteúdos próprios da escola com a vida, Delors na exposição das tensões que se apresentam aos estudantes de hoje e Santos ao trazer à educação o conceito das cinco dimensões da personalidade (*Big five*) estabelecidos por psicólogos. Ao tratar da capacidade humanizadora da literatura e dos aspectos apontados como necessários para a educação no século XXI, procura-se demonstrar que a formação literária durante o ciclo básico, período de formação essencial no desenvolvimento, pode ser um caminho possível para superar tensões educacionais atuais e auxiliar no processo de amadurecimento socioemocional de cada pessoa.

Palavras-chave: Letras. Formação literária. Educação integral. Educação socioemocional. Humanização.

Abstract: There are several studies and texts that treat the functions of literature in the formation of man, such as Antonio Candido (2004), Tzvetan Todorov (2009) and Harold Bloom (2001). The aim of this paper is to converge some of the conclusions proposed by these studies with proposals in the field of education for the next century such as those made by Edgar Faure (in the report *Learning to be*, 1973) and Jacques Delors (in his preface to the report to UNESCO, 1998); and the research developed by Daniel Santos *et ali.* (2017) on socio-emotional skills. Studies in the educational field point to the importance of an integral formation of each person: Faure in the context of the integration between the school's own contents with life, Delors in the exposition of the tensions that present themselves to today's students and Santos in bringing to education the concept of the five dimensions of personality (*Big five*) established by psychologists. By addressing the humanizing capacity of literature and the aspects identified as necessary for education in the 21st century, we seek to demonstrate that literacy during the basic cycle, a period of essential formation in development, can be a possible way to overcome current educational tensions and assist in the process of socio-emotional maturation of each person.

Keywords: Letters. Literary training. Integral education. Socio-emotional education. Humanization.

O panorama dos estudos da educação aponta com insistência a necessidade de uma formação integral do homem. Esse tipo de formação ganha destaque em dois importantes relatórios da UNESCO: o de Faure (1973) e o de Delors (1998), para a Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. Conforme recentes estudos realizados por Santos, Berlingeri & Castilho (2017), a educação

socioemocional assume especial relevância para o desenvolvimento pessoal do ser humano, uma vez que vem demonstrando resultados que repercutem em muitas áreas do desempenho. Portanto, os estudos de Faure, Delors e Santos (*et alii*) convergem para a necessidade de maior humanização da educação, propondo um ensino-aprendizado que se preocupe em despertar em cada indivíduo a sensibilidade e a responsabilidade pessoal da convivência em sociedade.

Candido (2004), Todorov (2009) e Bloom (2001) discutiram a importância da literatura para o homem demonstrando-a como necessária para o desenvolvimento de diversos aspectos, como a compreensão de si mesmo e do mundo, o despertar para a *humanização* e conseqüente empatia com relação aos demais e a possibilidade de abertura a novas experiências.

Nesse estudo, aproximamos as pesquisas no âmbito da educação e da teoria da literatura a fim de demonstrar como a formação literária pode colaborar no desenvolvimento integral de cada pessoa.

1 PROPOSTAS EDUCACIONAIS RECORRENTES PARA O SÉCULO XXI

A educação do século XXI pretende trazer um olhar mais integrador para a formação humana, atentando especialmente para a natureza complexa da pessoa, de modo que o aprendizado cognitivo não esteja em desacordo com o das sensibilidades e do convívio com o outro. Em estudo sobre o desenvolvimento da aprendizagem, Anita Abed analisa importantes teóricos da educação como Piaget, Vygostsky e Wallon para encontrar pontos de encontro relacionados à capacidade de aprendizagem dos sujeitos. Abed explica que a aprendizagem acontece uma vez que o aluno “construa seu próprio conhecimento, revestindo-o de sentidos pessoais, o que por sua vez mobiliza a afetividade tanto do professor quanto dos alunos” (ABED, 2014, p. 60); pois o ser humano é multifacetado, ou seja,

dotado de diferentes capacidades, habilidades e inteligências, [e] a função da educação deveria ser o desenvolvimento harmônico de modo a preparar as crianças e jovens para enfrentar os mais variados tipos de problemas em suas vidas (ABED, 2014, p. 60).

O entendimento da educação dessa forma, com um olhar para o desenvolvimento do homem em todas as suas dimensões, é destacado por Edgar Faure no relatório da comissão internacional sobre o desenvolvimento da educação

da UNESCO, ao recordar que “el desarrollo tiene por objeto el despliegue completo del hombre en toda su riqueza y en la complejidad de sus expresiones y de sus compromisos: individuo, miembro de una familia y de una colectividad, ciudadano y productor, inventor de técnicas y creador de sueños” (FAURE, 1973, p. 16).

Desde essa perspectiva, a educação não deve ter por fim apenas a elaboração de uma trama de conteúdos a serem aprendidos, mas deve ser realizada de modo que, junto a esses conteúdos, cada pessoa seja despertada na sua responsabilidade de “ser” humano. Essa é uma das principais conclusões obtidas no relatório de Faure.

Além disso, a educação propriamente não tem um término, isso é, o homem nunca está completamente “educado”, pois de acordo com Bauman, “a educação e a aprendizagem (...) para ser úteis, devem ser contínuas e durar toda a vida” (BAUMAN, 2009, p. 672). Dessa forma, a educação integral não acontece apenas na formação do homem em todas as suas dimensões, mas também em “todos os tempos”, e é necessário estar consciente de que a educação é um processo contínuo, que ocorre ao longo do percurso, sujeito à ação não só da escola, mas de campos pedagógicos cada vez mais amplos e diversos.

Essa formação integral, que auxilia no desenvolvimento de cada pessoa, abrange não apenas conteúdos técnicos na sala de aula no ciclo básico. Há também aspectos socioemocionais e éticos que devem ser desenvolvidos em cada pessoa, como forma de conhecer-se e de conhecer o outro, de reconhecer os próprios limites e os limites dos que convivem consigo.

A educação socioemocional tem ganhado relevância nas discussões sobre a melhoria da educação nos últimos anos, não unicamente nos aspectos teóricos ligados ao tema, mas buscando também analisar seu impacto no desenvolvimento escolar, considerando ferramentas mais efetivas e práticas que a incentivem. Santos, Belingeri & Castilho (2017), em pesquisa sobre o melhor modo de avaliar esse impacto, consideraram como “instrumento psicológico mais preciso” a ferramenta *Big Five Inventory*, estabelecida por um grupo de psicólogos que analisaram e reuniram

comportamentos humanos associados a traços de personalidade [que] se agrupam em cinco dimensões — os chamados Cinco Grandes Domínios de personalidade (Big Five): Abertura a Novas Experiências, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Estabilidade Emocional. Os Big Five são construtos latentes obtidos por análise fatorial realizada sobre respostas de

amplios questionários com perguntas diversificadas sobre comportamentos representativos de todas as características relativamente estáveis de personalidade que um indivíduo poderia ter (JOHN; SRIVASTAVA, 1999; ALMLUND *et al.*, 2011 apud SANTOS *et alli.*, 2017, p. 4).

A partir desse estudo, essas cinco dimensões poderiam ser descritas da seguinte forma – conservando a referência nominal em inglês, a fim de manter o acróstico *Ocean*, formado pelas iniciais de cada dimensão relacionada à profundidade da personalidade humana:

1. Openness (Abertura a experiências): estar disposto e interessado pelas experiências - curiosidade, imaginação, criatividade, prazer pelo aprender.
2. Conscientiousness (Conscienciosidade): ser organizado, esforçado e responsável pela própria aprendizagem - perseverança, autonomia, autorregulação, controle da impulsividade.
3. Extraversion (Extroversão): orientar os interesses e energia para o mundo exterior - autoconfiança, sociabilidade, entusiasmo.
4. Agreeableness (Amabilidade, Cooperatividade): atuar em grupo de forma cooperativa e colaborativa - tolerância, simpatia, altruísmo.
5. Neuroticism (Estabilidade emocional): demonstrar previsibilidade e consistência nas reações emocionais - autocontrole, calma, serenidade. (ABED, 2016, p. 16)

Essas cinco dimensões não esgotam ou limitam a complexidade humana, porém pretendem destacar a unicidade de cada sujeito como um valor. Esses aspectos ajudam a estabelecer um parâmetro de avaliação no que diz respeito à maturidade dos indivíduos, assim como avaliar a influência de questões socioafetivas e psicológicas no desempenho escolar. Em vista disso, a educação socioemocional vem crescendo em relevância, sendo mais frequentes os estudos que procuram inserir essa perspectiva dentro do atual quadro educacional como parte da formação integral necessária a cada pessoa no seu caminho de “aprender a ser”.

No entanto, a educação socioemocional não é suficiente para “aprender a ser”. É necessário que haja uma formação ética, que proponha reflexões a respeito de valores universais e coletivos que assegurem a dignidade de cada homem. Nessa reflexão cabem considerar as tensões pelas quais passam os sujeitos de todos os tempos sobre o impacto das relações humanas e do viver em sociedade, aspectos que estão sob grande tensão nesse começo de século, ultrapassando os limites do suportável.

A educação integral prevista e desejada para todos precisa refletir sobre as tensões que são observadas no panorama educacional atual e buscar meios eficazes de mediação de conflitos. Jacques Delors, em seu prefácio ao Relatório

para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, destaca algumas dessas tensões e considera que seriam “o cerne da problemática da educação do século XXI” (DELORS, 1998, p. 14). Entre as questões apresentadas encontram-se os conflitos entre o global e o local, entre o universal e o singular, entre a tradição e a modernidade, entre o espiritual e o material.

Tanto nos desafios da inserção da educação socioemocional e ética no currículo básico, bem como nas tensões identificadas por Delors, podemos ver espaços nos quais a literatura pode atuar ao considerarmos suas funções, conforme as relatadas por autores como Antonio Candido, Tzvetan Todorov e Harold Bloom.

2 AS TENSÕES DA EDUCAÇÃO E AS FUNÇÕES DA LITERATURA

Ao apresentar a tensão entre o global e o local, presentes na educação do século XXI, Delors (1998) vê o conflito na formação de um cidadão que anseia pelo global, ao mesmo tempo em que está atento a seu lugar de origem. A essa formação se relaciona diretamente outra tensão: aquela vivida entre o universal e o particular, uma vez que vemos a *mundialização da cultura* (DELORS, 1998, p. 14) tornar-se destrutiva quando se impõe como uma cultura de massa, o que colabora para o esquecimento da unicidade de cada indivíduo e de cada lugar.

O conhecimento e valorização das próprias raízes e uma postura de abertura ao novo não são realidades antagônicas. Ao contrário, quando estabelecidas permitem identificar o “valor único de cada pessoa, de sua vocação para escolher o seu destino e realizar todas as suas potencialidades, mantendo a riqueza das suas tradições” (DELORS, 1998, p. 14).

A formação de uma pessoa em seu âmbito local e global pode ter como aliada decisiva a literatura, que influi na identificação da pessoa com o seu local de origem – na leitura, por exemplo, de uma literatura cuja contextualização e aspectos culturais permitam uma ambientação. De igual modo, os aspectos globais podem franquear o contato com questões universais do homem de todas as culturas e de todos os tempos — identificado principalmente no contato com a literatura universal e mesmo nacional ao encontrar, em ambas, personagens e situações que demonstram o sentido de *ser humano*.

No posfácio dedicado ao volume que reúne ensaios de Antonio Candido, Baptista (2005) relembra a questão dos cânones da literatura nacional e universal não como aspectos antagônicos, mas complementares:

Há literaturas de que um homem não precisa sair para receber cultura e enriquecer a sensibilidade; outras que só podem ocupar uma parte da sua vida de leitor, sob pena de que restringirem irremediavelmente o horizonte. Assim, podemos imaginar um francês, um italiano, um inglês, mesmo um russo e um espanhol, que só conheçam nomes da sua terra e, não bastante, encontrem neles o suficiente para elaborar a visão das coisas, experimentando as mais altas emoções literárias" (...). Se a literatura brasileira é menor, secundária, pobre, porquê lê-la? Porque a literatura é "expressão da realidade local e, ao mesmo tempo, elemento positivo na construção nacional". (...) O cânone é um veículo que nos sujeita e nos une, identificando-nos. (BAPTISTA, 2005, p. 278 e 280; grifo do autor).

Esse olhar que se abre ao mundo integra o que é novo ao próprio ser, como uma abertura de horizontes, sem substituir ou destruir o que se tem em si, que pode ser considerado como um dos *Big Five*, apontados por Santos, chamado *Openess* ou abertura a experiências: "diretamente ligada à curiosidade, imaginação, criatividade e prazer pela aprendizagem e pelo conhecimento, (...) definida como a tendência a mostrar-se disposto, interessado e motivado para passar por novas experiências estéticas, culturais e intelectuais" (ABED, 2014, p. 114).

Outra tensão apresentada por Delors em seu prefácio é o conflito entre a tradição e modernidade, em especial quando esta última está relacionada ao campo do progresso científico. A harmonia entre o progresso científico e a tradição, necessariamente, se volta para o campo da ética, uma vez que o progresso da Ciência deve depender essencialmente do respeito àquilo que há de mais "sagrado" na tradição do homem, que é a compreensão de sua própria dignidade, e, portanto, de sua inalienabilidade (Assembleia Geral da ONU, 1948, p. 2).

É necessário que o progresso científico caminhe com liberdade para as descobertas da área, mas sempre encontrará limitações quando dessa descoberta depender o rompimento com a tradição daquilo que é essencialmente humano. Por esse motivo, é importante preparar os indivíduos para essas mudanças, de modo a respeitar suas limitações, mas também a fazer com que a Ciência seja acessível a todos. Quando o saber rompe as fronteiras do academicismo é possível franqueá-lo a um público maior, aumentando também a compreensão de certos fenômenos e diminuindo a resistência dos vários segmentos da sociedade.

Há ainda uma linha tênue que precisa ser observada no campo científico, de modo a seguir os limites da ética. As novas descobertas e a aplicação de novas tecnologias precisam respeitar o tempo e o rigor metodológico, de modo que o progresso científico não seja desumano na apropriação desse conhecimento. Sendo a ciência determinada por homens que a experimentam para averiguar sua veracidade, é necessário que esses homens sejam formados de tal modo que possam ver com clareza até que ponto podem seguir, sem romper com uma tradição da esfera ética.

A humanização proposta pela literatura, por sua vez, se revela pelo viés da dubiedade, na medida em que encena aspectos da nossa humanidade lançando sobre eles luzes e sombras, de modo a avaliar perdas e ganhos, encontros e desencontros, testando os limites do ético, do estético e do poético. Portanto,

sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? (TODOROV, 2009, p. 43).

Por outro lado, a evolução técnica que se faz independente do estabelecimento de relações sociais sólidas pode colaborar com a desumanização da sociedade, uma vez que se torna responsável por criar a ilusão de uma vida independente ou apenas voltada para uma superação pessoal. Essa atitude estimula a polarização de ideias, forçando, na maioria das vezes, as pessoas a manterem contato apenas com aqueles ideais que conservam um mesmo ponto de vista que o seu.

A convivência com pessoas de pensamentos diferentes, a dedicação a outrem, e a realidade da sociabilidade — próprias da condição humana — correspondem a outra das dimensões socioemocionais enunciadas entre os *Big Five*, conhecida como *Agreeableness* (ou amabilidade, cooperatividade): “refere-se à tendência em atuar em grupo de modo cooperativo e colaborativo” (ABED, 2014, p. 115). Entre as características dessa dimensão encontramos a tolerância, a simpatia e o altruísmo.

Desde essa perspectiva, podemos encontrar a literatura como aquela que lê o próprio ser humano em todas as suas condições. Encontramos não apenas uma grande variedade de tipos humanos que ali são expostos, mas também a expressão humana que nos faz compreender melhor a nós mesmos e às demais pessoas:

Não devemos recear o fato de nosso crescimento como leitores parecer por demais autocentrado, pois, se nos tornarmos leitores autênticos, os resultados dos nossos esforços nos afirmarão como portadores de luz a outras pessoas (...) Para sermos capazes de ler sentimentos humanos descritos em linguagem humana precisamos ler como seres humanos — e fazê-lo plenamente (BLOOM, 2001, p. 15 e 19).

A compreensão de si mesmo e da valorização do lugar do outro está diretamente ligada à educação integral a qual Delors (1998) e Faure (1973) fazem referência ao falar da educação que se deseja para o próximo século:

a modificação profunda dos quadros tradicionais da existência humana, coloca-nos perante o dever de compreender melhor o outro, de compreender melhor o mundo. Exigências de compreensão mútua, de entreatajuda pacífica e, por que não, de harmonia são, precisamente, os valores de que o mundo mais carece (DELORS, 1998, p. 19).

Relacionada a esse fato está a tensão entre o *espiritual* e o *material*, que para o autor significa o estabelecimento de valores que “respeitando inteiramente o pluralismo” contribuem para um pensamento e espírito que elevem cada pessoa para uma “superação de si mesmo” (DELORS, 1998, p. 15-17).

Esta “superação de si mesmo” pode ser considerada como uma reflexão de cada pessoa sobre sua responsabilidade na construção de um mundo humanizado. Seria então o auxílio que se dá ao indivíduo para que desenvolva a capacidade de formar-se, de se compreender como parte da identidade humana e a literatura nos “faz entender nossa realidade, nossa diversidade e singularidade” (MORIN, 2000, p. 6).

Delors ainda indica que é necessário

dar novo valor à dimensão ética e cultural da educação e, deste modo, a dar efetivamente a cada um, os meios de compreender o outro, na sua especificidade, e de compreender o mundo na sua marcha caótica para uma certa unidade. Mas antes, é preciso começar por se conhecer a si próprio, numa espécie de viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica (DELORS, 1998, p. 16).

A “viagem interior” citada por Delors exige o reconhecimento de que parte fundamental da educação é a formação da pessoa, para que possa compreender melhor a si mesma e, a partir disso, colaborar no seu exercício como membro de uma sociedade mais humana. A compreensão dessa realidade é feita também no reconhecimento da unicidade de cada pessoa, com potências e fragilidades, com histórias pessoais e intransferíveis (ABED, 2014, p. 64).

Obviamente, o “contexto de sala de aula não é, nem nunca deverá ser, um espaço psicoterapêutico” (ABED, 2014, p. 103). Trata-se de

deixar claros os limites da atuação pedagógica e da responsabilidade do professor: seu compromisso com a construção do conhecimento, sustentada pelo desenvolvimento de competências e habilidades que viabilizam e revestem a aprendizagem de profundos significados (ABED, 2014, p. 104).

O desenvolvimento de competências e habilidades vem a partir do entender-se como ser único. Ser único é reconhecer-se como pessoa, através de uma “viagem interior”. E essa “viagem interior” pode ser feita através da literatura:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2009, p. 76).

Uma vez transformada a partir de dentro, a pessoa pode colaborar com mais eficácia numa sociedade mais irmanada. Antonio Candido, ao abordar as funções da literatura em seu ensaio sobre o direito à literatura, explica como ela pode contribuir em seus aspectos humanizadores, pois pode produzir “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 2004, p. 180).

A literatura transforma a pessoa por meio desse exercício de humanização que é permitir a reflexão, o contato com o conhecimento adquirido pela humanidade ao longo do tempo, o reconhecimento do lugar do outro, a observação da realidade como é ou poderia ser, tanto no âmbito exterior como interior. Todas essas dimensões, uma vez observadas por cada pessoa, modificam-na, e cada pessoa que se modifica pode modificar o seu entorno. Diz Harold Bloom: “Uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal” (BLOOM, 2001, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por uma educação integral que aborde também os aspectos socioemocionais do homem, as tensões apresentadas por Delors e as respectivas considerações dos estudos literários sobre a importância da literatura para o homem, permitem compreender que é necessário voltar o olhar, uma vez mais, para o ensino de literatura.

Uma vez que a efetivação do desenvolvimento da personalidade humana — “aprender a ser” — nunca chega a uma realização com fim determinado, é necessária uma formação contínua.

A formação do homem nunca tem fim, sua integralidade compõe também o tempo de dedicação à própria educação: todo o tempo o homem se forma e se faz; mas se esse processo não passa por um momento de conscientização e reflexão, a formação se torna incompleta. Por isso, não pode ser limitada aos anos escolares, sendo indispensável despertar em cada pessoa durante esse período a necessidade de se formar continuamente.

Nessa linha, a literatura pode colaborar de maneira efetiva na formação integral do homem, conforme muitos autores consideraram. Daí a importância dos estudos literários retomarem o ensino da literatura não como uma disciplina a mais, para complementação cultural de um currículo, mas como uma disciplina a ser iniciada no ciclo básico e que seguirá acompanhando a formação de cada pessoa em seu caminho único.

Para que isso ocorra, o entendimento do ensino da literatura deve estimular o contato com o próprio texto literário, oferecendo as chaves necessárias para sua compreensão. É necessário que o ensino de literatura forme leitores, pois uma vez que esse leitor já não esteja mais na escola, seu apego à leitura, sua assiduidade aos livros, complete seu percurso de formação.

A dimensão socioemocional da educação faz-se necessária e demonstra influências significativas no desempenho escolar, mas é de difícil abordagem quando apresentada de maneira independente. A literatura permite que essa

dimensão seja vista desde uma perspectiva mais natural e colabora na reflexão de cada pessoa sobre si mesma e seu olhar sobre o outro¹.

A formação literária permite uma abertura ao outro, ao colaborar na compreensão dos tipos humanos, dos diferentes aspectos do homem, da variedade de culturas e de possibilidades de pensamentos; comporta também a capacidade de nos identificar a todos como membros do mesmo gênero humano, e, portanto, semelhantes em dignidade.

Por isso, ao observar os estudos no âmbito educacional que se dirigem a um novo modelo educacional para o próximo século, pode-se perceber que a formação literária pode ser uma das respostas a colaborar com esse modelo. Muitos dos anseios ali apresentados como necessários à educação poderiam ser satisfeitos pelo investimento na formação literária durante o ensino básico.

A necessidade dessa formação se vê, portanto, como um dos aspectos principais a serem considerados. Trata-se de um modo concreto de preparar os indivíduos para uma percepção da responsabilidade que cada um tem de se reconhecer como pessoa única adquirindo um conhecimento mais complexo de si mesmo, fruto de uma reflexão pessoal e crítica e que só é possível quando a dimensão interior do homem é vista desde um espelho — a literatura.

REFERÊNCIAS

ABED, A. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15891—habilidades—socioemocionais—produto—1—pdf&Itemid=30192. Acesso em: 11 maio 2019.

ABED, A. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **PEPSIC**, São Paulo, v. 24, n. 25, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100002. Acesso em: 20 maio 2019.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. **Declaração dos Direitos Humanos**. [S.l.], 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

¹ Nesse artigo, ao apresentar algumas considerações sobre o aspecto socioemocional em relação à literatura não pretendemos ser exaustivos, trazendo apenas alguns aspectos que podem relacionar um e outro, sendo necessário ser feito um estudo mais aprofundado no tema.

BAPTISTA, A. B. O cânone como formação: a teoria da literatura brasileira de Antonio Candido. *In*: BAPTISTA, A. B. **O livro agreste**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

BAUMAN, Z. Desafios pedagógicos e modernidade líquida: entrevista de Alba Porcheddu sobre a educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 137, p. 661-684, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a16.pdf>.

BLOOM, H. **Como e por que ler**. Tradução: José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: **Vários escritos**. Livraria duas cidades. 4. ed. Rio de Janeiro, 2004.

DELORS, J. Prefácio. *In*: **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: UNESCO/BRASIL, 1998.

FAURE, E. *et alli*. **Aprender a ser**. La educación del futuro. UNESCO, 1973. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132984>. Acesso em: 10 maio 2019.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, D. D.; BELINGERI, M. M.; CASTILHO, R. de B. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. Ribeirão Preto: ANPEC, 2017. Disponível em: https://www.anpec.org.br/encontro/2017/submissao/files_l/i12-5b3bec770ff9458b47ef17a5a6605d0f.pdf. Acesso em: 19 maio 2019.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Sobre as autoras

Flavia Vieira da Silva do Amparo

Professora Titular de Português e Literatura do Colégio Pedro II e Professora Associada de Literatura Brasileira da UFF. Atua nos programas de Pós-Graduação em Estudos de Literatura e no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica. Sua pesquisa concentra-se na área de Literatura, Ensino e Formação de Leitores. Publicou os livros *Luiz Murat* e *Mario de Alencar*, da série *Essencial*, ambos pela Academia Brasileira de Letras, e o *Criatividade e interculturalidade*, pela CRV, e *Criatividade e Interdisciplinaridade*, pela Pedro & João.

Esther Zanelli Miranda

É mestranda na Universidade Federal Fluminense e obteve o título de Especialista em Língua Portuguesa pela mesma universidade, com a monografia *Pistas linguísticas: proposta de metodologia para formação de leitores a partir de um relato de experiência*. Recebeu os graus de bacharelado e licenciatura em Letras pela Universidade de São Paulo. Durante a graduação estudou na Universidad Autónoma del Estado de México, com auxílio do programa de Bolsas de Intercâmbio Internacional. É monitora do programa internacional de educação emocional *Amigos do Zippy* (Partnership for Children), pela ASEC (Associação pela Saúde Emocional de Crianças). Atua como professora de Literatura na rede privada de ensino em São Gonçalo.